

## A VISÃO DOS PERMISSIONÁRIOS SOBRE A MATEMÁTICA NO MERCADO MUNICIPAL ADOLPHO LISBOA (MANAUS/AM)

Felipe da Costa Negrão<sup>1</sup>  
1 Universidade Nilton Lins, felipe.unl@hotmail.com

### Introdução

A matemática pode ser encontrada em diversas situações de nosso cotidiano, embora muitos profissionais da educação insistam em utilizar de exemplos distantes da realidade dos estudantes. A partir dessa premissa, esse estudo se propõe a apresentar a concepção dos permissionários<sup>1</sup> que trabalham no Mercado Municipal Adolpho Lisboa (Manaus/Amazonas) acerca do uso da matemática em suas atividades diárias, tais concepções foram coletadas por estudantes de Pedagogia da Universidade Nilton Lins, durante a execução de práticas de campo vinculadas a disciplina de Fundamentos e Metodologias do Ensino de Matemática.

O estudo é relevante uma vez que reforça os aspectos de uma matemática viva, contextualizada e presente em nosso cotidiano. Tais preceitos se aproximam ao conceito de etnomatemática, defendida por D'Ambrósio (2002) que aponta como finalidade desta tendência, o conhecimento empírico de grupos sociais profissionais específicos dentro da relação entre o saber e o fazer, buscando aliar-se ao fortalecimento dessas raízes, de modo a valorizar os saberes tradicionais que perpetuam nestes grupos. A partir desse viés, destaca-se que muitos permissionários apresentaram escolaridade básica incompleta, contudo ressaltaram que as práticas do cotidiano, bem como o exercício da sobrevivência os fizeram aprender a usar os conhecimentos matemáticos.

A ideia de apresentar esse universo de saberes populares aos estudantes de Pedagogia justifica-se em virtude de, por vezes tais saberes serem segregados no meio acadêmico-científico. E ainda porque a etnomatemática valoriza tais conhecimentos, contudo não estigmatiza os saberes oriundos da sala de aula formal, ao contrário acredita que ambos podem ser utilizados em prol de uma aprendizagem matemática mais efetiva.

### Metodologia

A pesquisa resulta em um estudo descritivo (FONSECA, 2010), numa abordagem qualitativa. O local da pesquisa foi o Mercado Municipal Adolpho Lisboa, que encontra-se situado às margens do Rio Negro (AM), e representa um símbolo arquitetônico e cultural da capital do Amazonas, sendo compreendido pela população como um lugar onde se constroem identidades.

Utilizou-se de entrevistas estruturadas com 16 permissionários (P), de modo a coletar dados sobre dois questionamentos, e são eles: *a) Você gostava da matemática durante a infância? b) Você consegue enxergar a matemática em suas atividades do dia a dia?*

As duas indagações sugerem o levantamento acerca da concepção dos participantes, e foram coletadas a partir de diário de campo e gravadores pelos estudantes de Pedagogia da Universidade Nilton Lins, durante as práticas do projeto “Desafios e Possibilidades para o ensino de Matemática no Mercado Municipal Adolpho Lisboa” no mês de abril de 2017. Sendo assim, os dados serão descritos e analisados com o auxílio de referenciais teóricos do campo da Educação Matemática.

---

<sup>1</sup> Entende-se como permissionário os agentes que tem a permissão de ocupar um dos boxes do interior do Mercado.

## Resultados e discussão

Em relação ao primeiro questionamento, justifica-se o interesse em saber se os permissionários tinham apresso pela matemática na infância, tendo em vista que o imaginário social aponta-a como a disciplina mais difícil da vida escolar, sendo campeã nos índices de reprovação, conforme as avaliações de desempenho por todo o país.

Sendo assim, as respostas demonstram a mesma reação de uma sala de aula, ou seja, dividida, onde alguns gostam e outros não da disciplina. Desse modo, destacamos alguns discursos dos permissionários a fim de incitar a reflexão acerca dos saberes do cotidiano, reforçados pela tendência da etnomatemática.

P1: “Eu não gostava da Matemática. **Só estudava Matemática pra aprender a fazer contas**, como faço hoje em dia. Eu nunca ia com os professores pra tirar dúvidas, porque não gosto disso”.

P2: “Não gostava, **eu apanhava muito na escola no dia de sabatina**, esse trauma me fez odiar a matemática”.

P3: “Quando estudei em colégio particular eu aprendi muita coisa, porém quando eu estudava no colégio público, **passávamos muito tempo sem aulas de matemática**, então não posso dizer que aprendi alguma coisa”.

Os três discursos reforçam uma matemática negativa, a princípio sem aplicabilidade e pautada em regras, procedimentos e normativas punitivas. Nesse viés Selbach (2015, p. 37) afirma que “não se aprende matemática sem algum esforço intelectual, não se justifica qualquer esforço quando não há sentido no que se aprende, e aprender as coisas que fazem sentido e que explicam a vida é fonte inesgotável de prazer”. Logo, o desafio da escola é conceber um ensino de matemática que possibilite aos estudantes atribuir significação ao que aprendeu. Ainda nesse contexto, D’Ambrósio (2012, p. 109) critica que “aprender não é o mero domínio de técnicas, de habilidades, nem a memorização de algumas explicações e teorias”. Contudo, essa prática foi apontada por alguns permissionários, e muitas vezes ainda encontra-se presente no cotidiano da escolar formal.

P4: “Sempre gostei e só tirava nota dez, e a partir daí fui aprimorando esses conhecimentos com **minha experiência do trabalho**”.

P5: “Sim, gosto de matemática desde pequeno. Quando criança o ensino era muito tradicional, passei pela fase da sabatina, de ficar de castigo no milho. Mas fui um bom aluno na disciplina. Lembro-me de uma **professora maravilhosa no Ensino Médio que me incentivou a entender melhor, fazendo cálculos rápidos de cabeça**”.

P6: “Para mim a **matemática é o maior “dom” que Deus me deu**. Pois nunca fui ‘passado para trás’, e já trabalho há 23 anos com venda de peixes e carnes, e tive oportunidades de conhecer pessoas do mundo inteiro também, me sinto feliz em dizer que sou capaz de realizar atividades braçais e de raciocínio matemático”.

Os discursos positivos sobre o gostar da matemática demonstram a importância de um ensino contextualizado, de professores incentivadores e comprometidos em transpor essa ciência de maneira acessível, bem como as pré-disposições que alguns indivíduos nascem com a inteligência lógico-matemática apurada, por exemplo. Nunes, Carraher, Schliemann (2011) apontam que é necessário conhecer melhor a matemática inerente às atividades da vida diária, a fim de construir pontes e ligações efetivas para a matemática mais abstrata que a escola, normalmente pretende ensinar.

Os estudantes de Pedagogia também indagaram acerca da percepção deles quanto ao uso da matemática em suas atividades diárias, de modo que todos entrevistados percebem-a em seu contexto laboral.

P1: “Vejo a matemática em tudo, e aqui no mercado uso para passar troco, saber meus lucros, comprar novas mercadorias”.

P2: “Faço muita conta né! Algumas faço na cabeça, quando é muita coisa eu armo na calculadora (raramente). Coloco tudo no papel e armo as contas lá. Trabalho com os três: cabeça, anotações e máquina”.

P3: “Utilizo a Matemática no meu dia-a-dia. Tenho uma calculadora que serve para eu transformar dólar para dar o troco dos turistas, me atualizo todos os dias com o valor atual do dólar”.

P4: “Sim, hoje eu tenho a matemática como prática de trabalho, é uma necessidade, pois preciso passar troco, colocar preço nas mercadorias, pesar, medir, contar...”.

P5: “Hoje eu vejo a matemática como uma ferramenta indispensável no meu dia-a-dia, vejo ela em tudo, nas horas, o número dos ônibus, na organização dos meus afazeres, preciso medir e pesar minhas mercadorias”.

O discurso dos permissionários para essas entrevistas contribuíram na ampliação da visão dos futuros professores, tendo em vista que puderam perceber a dimensão que esta ciência alcança, mesmo com aqueles que não “sentaram num banco de escola”, contudo enxergam-a e utilizam-a com propriedade todos os dias de suas vidas.

### Conclusões

O fazer docente precisa ser pautado em situações práticas, contextualizadas e próximas ao cotidiano dos sujeitos em processo de aprendizado, visto que “a abordagem a distintas formas de conhecer é a essência do programa etnomatemática” (D’ AMBRÓSIO, 2012, p.101).

Pontua-se que a experiência dos estudantes de Pedagogia com uma matemática mais viva e menos normativa, contribuiu para o aumento da percepção quanto ao uso dessa ciência, de modo que agora conseguem percebê-la em outros lugares, superando o estigma apresentado no início da disciplina, quando muitos apontavam apenas o livro didático, a tabuada e o professor (muitas vezes malvado) como fontes do conhecimento lógico-matemático.

A visão dos permissionários apresenta dualidade de saberes, reforçando o que propaga a etnomatemática, quando caracteriza os saberes cotidianos como válidos para o aprimoramento cognitivo, no que tange aos conhecimentos matemáticos. E ainda reforça as potencialidades do Mercado Municipal Adolpho Lisboa, como “palco” de aulas práticas de matemática, tendo em vista a riqueza de possibilidades para o trabalho com a ciência exata, acentuando mais uma vez a exigência de ser conduzida a partir de uma realidade concreta, embora a abstração por vezes, seja utilizada.

Este ensaio contribui para o fortalecimento das pesquisas em Educação Matemática, na região Norte, a fim de produzir melhores resultados no processo de ensino aprendizagem deste componente curricular.

**Palavras-Chave:** Educação Matemática. Etnomatemática. Matemática no Amazonas.

### Referências

D’AMBROSIO, U. **Etnomatemática:** elo entre as tradições e a modernidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

\_\_\_\_\_. **Educação matemática:** da teoria à prática. 23ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

FONSECA, L. A. M. de. **Metodologia científica ao alcance de todos.** 4. ed. Manaus: Editora Valer, 2010.

NUNES, T.; CARRAHER, D.; SCHLIEMANN, A. **Na vida dez, na escola zero.** 16. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SELBACH, S. **Matemática e didática.** 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.